

WALTER BENJAMIN, 1932-33: O PRIMEIRO EXÍLIO, O MEDITERRÂNEO

Iuri Almeida Müller¹

DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2023.v16.42381>

VALERO, Vicente. *Experiência e pobreza: Walter Benjamin em Ibiza, 1932-1933*. Tradução de Daniel Lüthmann. São Paulo: Editora 34, 2023.

Walter Benjamin desembarcou pela primeira vez em Ibiza poucos meses antes de completar quarenta anos. Encontrava-se então imerso em graves problemas pessoais e econômicos; há pouco, havia concluído o seu processo de divórcio e dependia de publicações em jornais e envios a programas de rádio da Alemanha – por vezes, de irregular frequência – para sobreviver financeiramente. Já era o autor de *Rua de mão única* e de *Origem do drama barroco alemão*, havia viajado a Rússia – excursão que resultaria no *Diário de Moscou* – e também havia trafegado pelo exercício da tradução, como com a obra de Proust. Naquele ano de 1932, no entanto, ainda havia muito por acontecer mesmo para a breve vida de Benjamin, existência tragicamente abreviada no final daquela década. Ainda haveria tempo, por exemplo, para os meses de Ibiza entre 1932 e 1933: essa intensa temporada de leituras, escrita e de acontecimentos pessoais, período resgatado pelo escritor espanhol Vicente Valero em *Experiência e pobreza: Walter Benjamin em Ibiza, 1932 e 1933*, editado no Brasil em julho de 2023 pela Editora 34.

Ibiza, no começo dos anos 1930, ainda estava longe dos dois fenômenos do século XX que a tornaram conhecida e buscada internacionalmente: não havia se fixado no radar europeu como um território propício para uma vida *hippie* (impulso que teria lugar nos anos 1960 e 1970) e a sua vida noturna tampouco havia alcançado a fama que se consolidaria no final do século XX. Por volta de 1932, a ilha exibia justamente a manutenção dos seus aspectos primitivos, seja na arquitetura ou no modo de vida dos habitantes nativos. Já então era buscada por estrangeiros, mas não aos milhares e não em busca do *glamour* e desde as agências de viagem: nos anos 1930, eram poucos e dispersos os estrangeiros em uma Ibiza praticamente desprovida de hotéis e pousadas, viajantes distribuídos entre as casas antigas da ilha e as pequenas edificações que começavam a receber turistas e moradores temporários. A ilha era, mais do que nada, um destino adequado para uma existência resguardada e silenciosa, um pouco de costas para a Europa e os acontecimentos do Ocidente, para uma vida

¹ Doutor em Letras – Teoria da Literatura pela PUCRS. Atualmente realiza estágio de pós-doutorado junto à Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), com bolsa Capes. Email: iuri.muller@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2618-9599>.

que poderia ser levada com pouco dinheiro e, ao mesmo tempo e seu anverso, com pouquíssimo conforto. Foi nesse contexto – e, como se verá, quase que inteiramente por acaso – que Benjamin chega pela primeira vez às ilhas Baleares, instigado pela recomendação que recebe de um conhecido com quem tropeça numa caminhada por Berlim, no inverno do já mencionado ano.

Escreve Valero que

o acaso ou algum tipo de “constelação” muito especial tinha determinado que, em um dia frio do inverno de 1932, em uma rua qualquer de Berlim, Felix Noeggerath se encontrasse com Walter Benjamin, a quem não via há alguns anos, e sugerisse a ele, que se encontrava mergulhado em uma grande crise pessoal, a ideia de viajar junto consigo e sua família para a então remota e desconhecida ilha de Ibiza (VALERO, 2023, p. 263).

Atormentado pelas condições de vida e trabalho em Berlim, Benjamin levará muito a sério a sugestão de Noeggerath, que será o seu primeiro anfitrião na ilha do Mediterrâneo. Viajará pouco tempo depois daquele encontro casual, em abril, com uma bagagem capaz de suportar algumas semanas na ilha e uns poucos livros, segundo o que lemos a partir de Valero. As primeiras impressões de Ibiza serão, para Benjamin, de assombro e fascinação. Viverá perto do mar em um povoado pouco habitado, junto a casas muito antigas, poderá gastar pouco do exíguo dinheiro que detém e ocupar o tempo conforme as próprias deliberações e vontades. “Nada causava tanto impacto (...) quanto sua arquitetura rural. A moradia ibicenca tradicional é uma construção compacta e fechada, organizada em torno de uma câmara principal de planta regular, chamada de *porxo*, e composta por corpos cúbicos independentes” (2023, p. 26), escreve Valero a respeito das edificações dos povoados de Ibiza. Será em uma dessas casas, no povoado de San Antonio, localidade situada no oeste da ilha, onde Benjamin viverá por aqueles meses de 1932, junto à família de Noeggerath.

Como se verá, as duas temporadas de Walter Benjamin em Ibiza, separadas apenas por um ano do calendário, carregarão estados de espírito muito distintos para o escritor e filósofo: tensão muito bem captada pela pesquisa e a estrutura de *Experiência e pobreza...* Na primeira etapa, a de 1932, mesmo o que se apresentava como excessivamente primitivo e austero no lugar adquiria uma condição positiva, quem sabe típica dos deslumbramentos daquele que chega a um território muito diferente do espaço onde se vivia. No terceiro capítulo do volume, lemos:

É possível dizer que, inesperadamente, Benjamin se viu obrigado a levar em San Antonio um tipo de vida que, ainda que compreendesse algumas carências importantes – por exemplo: “a luz elétrica e a manteiga, as bebidas alcoólicas e a água corrente, o flerte e a leitura de jornais” –, também lhe oferecia uma singular disposição de ânimo em pleno contato com a natureza. Essas carências materiais, descritas por ele próprio [em correspondência] a Gretel Karplus com simpatia, como algo um pouco pitoresco, sempre eram compensadas pela beleza e serenidade de uma natureza surpreendente, pode-se dizer que em estado puro. Aqui se faz necessário mencionar não só o mar

ou a esplêndida e ampla baía de San Antonio, onde ele vivia e na qual se banhava todas as manhãs, como também o interior montanhoso da ilha, com caminhos antigos e intrincados, torrentes e vales cultivados, e ainda casas solitárias (VALERO, 2023, p. 71).

Lemos que Benjamin fará longas caminhadas pelos caminhos de Ibiza, seja pelas praias ou ao longo das montanhas; que poderá deixar de lado, quase que de todo e ao menos por um tempo, as fontes de aflição que haviam precipitado a partida da Alemanha; e que, além dos deslumbramentos e dos prazeres, aquela primeira temporada na ilha também seria de grande produtividade para a escrita. Mobilizado, segundo as hipóteses de Valero, já a partir dos relatos que ouviu da tripulação do barco que o levou às Baleares, Benjamin passa a dedicar-se à escrita de uma série de textos breves, de caráter narrativo, que podem ser lidos como produtos de um anseio mais amplo: o de voltar aos artifícios com que se pode *narrar uma história*, preocupação comum a alguns dos seus trabalhos daquele tempo, concernente também a “O narrador”, escrito em Paris, em 1936.

Entre abril e julho de 1932, período da primeira temporada no Mediterrâneo, Benjamin escreverá os relatos “A viagem do Mascote”, “O lenço”, “O anoitecer da viagem” e a “A sebe de cactos”; textos breves que, no Brasil, apareceram apenas recentemente como peças narrativas a integrar o volume *O contador de histórias de outros textos*. Além de outros fragmentos breves, de um pequeno artigo sobre astrologia e de um diário dedicado àqueles meses, a produção do primeiro tempo em Ibiza também teve como fruto a *Crônica de Berlim*. A tentativa de narrar e recuperar as passagens perdidas da Berlim natal será, já antes da chegada, um dos anseios de Benjamin naquele momento. Berlim será vista e evocada a partir de Ibiza; a infância e a juventude, interrogadas desde as proximidades dos quarenta anos, justo quando a maturidade apresenta algumas das formas do desespero diante do tempo – além da antevisão de uma nova guerra que se aproxima, a pobreza, o isolamento. Da *Crônica em Berlim*, Benjamin logo passará à redação dos primeiros capítulos de *Infância em Berlim por volta de 1900*, texto autobiográfico que também começa a ser rascunhado naquele mesmo ano, ainda que apenas após a primeira partida da ilha – o escritor já estará na Itália, também por alguns meses e de maneira provisória. No segundo período no Mediterrâneo, em meio a dificuldades de outra ordem, também serão escritos dois dos ensaios mais importantes da obra benjaminiana: “Experiência e pobreza”, que empresta seu título ao livro do autor espanhol, e “Sobre a faculdade mimética”.

A pesquisa de Vicente Valero estabelece com clareza as dissonâncias entre as duas temporadas do escritor na ilha de Ibiza. O que, nos primeiros momentos, parecia abrir-se como possibilidade infinita e espaço aberto para o espanto e a escritura, no ano seguinte ganha cores bem menos suaves. Em março de 1933, o barco que leva Benjamin às Baleares ancora outra vez em Ibiza. Dois meses antes, na Alemanha, Hitler havia se tornado chanceler: a violência política nas ruas se espalha já sem nuances e Berlim é a cidade que, ao contrário dos textos que evocam a infância, no tempo presente apenas empurra ao abandono e à fuga. Tampouco Ibiza, mesmo apenas alguns meses depois, será exatamente a mesma; não que a

ilha tenha se transformado estruturalmente naquele breve lapso, mas é certo que os primeiros empreendimentos que apontam ao turismo ganharão forma, mesmo que com tentativas incipientes. O que se altera diz respeito ao entorno de Walter Benjamin, que cada vez terá mais dificuldades para manter os laços com as figuras que, no ano anterior, haviam garantido a permanência e o convívio no Mediterrâneo.

Em *Experiência e pobreza: Walter Benjamin em Ibiza...*, Valero escolhe um método indireto, ou desviado, para dar conta da vida e do trabalho do escritor por aqueles meses. Mesmo que o interesse central esteja sempre nas ocorrências e na produção do autor, para chegar ao destino são narradas outras vidas e acontecimentos. Cada um dos nove capítulos do ensaio-biografia dá conta de nove personagens que, por aqueles anos, estavam tanto no caminho de Benjamin como de Ibiza. Entre os nomes que se entrelaçam com o de Benjamin, porém, alguns foram mais marcantes para a vida e o trabalho do escritor. É o caso do francês Jean Selz, que se torna a presença mais assídua do entorno de Benjamin na segunda temporada na ilha. Com Selz, Benjamin estreitará uma relação de amizade e de colaboração: o francês começará o trabalho de tradução dos capítulos já prontos de *Infância em Berlim...* e proporcionará acesso a experiências com o ópio e o haxixe, interesses que Benjamin já alimentava desde antes de Ibiza. Muitos anos depois, Selz também narrará alguns desses episódios no texto “Walter Benjamin em Ibiza”, utilizado por Valero em seu volume. Essa amizade, entretanto, rompe-se pouco antes de Walter Benjamin abandonar a ilha, doente e ainda mais empobrecido, em setembro de 1933.

O mencionado método indireto de Valero, se corre o risco de dispersar o foco em certa multiplicidade de personagens e ocorrências, na prática apenas amplia um universo íntimo e ao mesmo tempo relacional – o mundo de Benjamin na ilha. São narradas as formas com que o escritor se relaciona com a geografia das Baleares, feita de praias e montanhas, com alguns dos seus habitantes (quase todos eles, também estrangeiros e, de certa forma, indivíduos errantes), com a arquitetura e o léxico particular dos ibicencos e com a maneira com que o autor segue estabelecendo fios com o mundo para além de Ibiza: com as publicações de textos críticos e resenhas enviadas a jornais alemães, com a obra ensaística, crítica e narrativa que segue a escrever. Ibiza, como relata Valero, marca também o primeiro exílio de Walter Benjamin.

Também há espaço no volume para esmiuçar algo das relações amorosas que o escritor viverá na ilha (ambas com despedidas que se precipitam e agravam a fragilidade do estado anímico) e para interrogar a melancolia dos últimos dias na Espanha, quando, sozinho e doente – depois de chegar à França, Benjamin descobre que havia contraído malária –, se verá outra vez em busca de um novo destino. Mesmo após deixar a ilha em circunstâncias de dificuldade e penúria, Ibiza seguirá presente para o escritor nos anos seguintes, tanto como recordação da intensidade vivida quanto como ilusão de um hipotético e cada vez mais distante retorno. “Benjamin não só continuou pensando nos dias vividos na ilha, como também ‘durante muito tempo tem me seduzido a ideia de voltar a Ibiza para passar uma temporada’. Isso é o que confessa uma vez mais a seu amigo Alfredo Cohn, agora já no final de julho de 1936” (2023, p. 250), escreve Valero. Não só não há retorno possível ao

Mediterrâneo como, naqueles anos, outras tantas portas acabam por se fechar nas fronteiras europeias.

Mesmo que o trabalho de Valero (publicado na Espanha pela primeira vez em 2001) tenha um objeto – temporal e espacial – bem definido, a abordagem ensaística não opera dentro de uma ideia de congelamento. A análise e as buscas biográficas se expandem para antes e depois da Ibiza daquele começo de década, bifurcando-se para outros instantes da vida e da obra de Walter Benjamin, bem como, em menor escala, para as modificações que a modernidade imprime na paisagem das ilhas Baleares. No contexto dos vastos estudos sobre a literatura de Benjamin, o volume de Vicente Valero pode ser, por exemplo, colocado em diálogo com o trabalho do argentino Martín Kohan, autor de *Zona urbana: ensayo de lectura sobre Walter Benjamin*. Em *Zona Urbana...*, Kohan constrói um mapa possível para acessar os caminhos do autor, cartografia em que as cidades de Paris, Berlim, Moscou e Nápoles aparecem como os principais espaços. Em *Experiência e pobreza...*, por sua vez, Valero acrescentará Ibiza a esse mapa.

Referências

BENJAMIN, Walter. *O contador de histórias e outros textos*. São Paulo: Hedra, 2020.

KOHAN, *Zona urbana: ensayo de lectura sobre Walter Benjamin*. Buenos Aires: Norma, 2004.

VALERO, Vicente. *Experiência e pobreza: Walter Benjamin em Ibiza, 1932-1933*. São Paulo: Editora 34, 2023.

Data de submissão: 02/10/2023

Data de aceite: 16/11/2023